

## MERCADO

Luciana Corrêa



Edição da Summit Eventos Brasil, em Fortaleza

Luciana Corrêa



Dirigentes da Abeoc visitam escolas profissionalizantes da capital cearense, promovendo

Luciana Corrêa



# Um grito de socorro

O setor de eventos retoma seu espaço, mas ainda luta contra dívidas e necessidade de políticas públicas após parada brusca na pandemia de covid-19

» LUCIANA CORRÊA

Mesmo com sinais claros de retomada, o setor de eventos no Brasil enfrenta desafios para se consolidar após os efeitos da pandemia de covid-19, há cinco anos. De um lado, o crescimento no número de feiras, congressos e encontros empresariais aquece a economia; de outro, as empresas que sustentam essa cadeia seguem endividadas, pressionadas por juros elevados e pela ausência de políticas públicas permanentes.

“O setor está, sim, respondendo muito bem, com geração de empregos e movimentando a economia. Mas ninguém está olhando para as empresas que precisaram se endividar para sobreviver”, alerta Enid Câmara, presidente da Associação Brasileira de Empresas de Eventos (Abeoc) Brasil. Ela lembra que boa parte dos negócios fizeram empréstimos com taxas de

juros bem menores do que as praticadas hoje. “A Selic estava em 5%, 3%, 4% quando pegamos empréstimos para segurar nossos negócios. Hoje, ela está em 11%, 12%. Quem é que paga essa conta?”, questiona.

A preocupação é principalmente devido ao fim do Programa Emergencial de Retomada do Setor de Eventos (Perse), que beneficiava a recuperação do setor e também deixou marcas. Segundo Enid, a entidade judicializou a questão, buscando reverter o fim do benefício. “Empresa de alimentação, por exemplo, recebeu, e isso é uma grande injustiça. Agora, cabe à Justiça decidir. A nossa parte, estamos fazendo”, afirma. Além disso, a entidade contratou um terceiro estudo técnico para comprovar que os dados apresentados pela Receita não refletem a realidade do setor.

Enquanto os números de eventos voltam a crescer, a recuperação financeira das empresas segue lenta. “Levamos 50 anos para consolidar esse setor. Aí vem uma pandemia que derruba tudo, e agora querem que, em dois anos e meio, a gente

Luciana Corrêa



Dirigentes das Abeoc do país presentes na Summit Eventos Brasil — ABEOC

tenha recuperado tudo? Não existe mágica que faça isso”, pontua.

A falta de incentivos é um tema recorrente. “Se você olhar para o agronegócio, para a indústria, todos têm benefícios, incentivos, fixos. E nós, do setor de eventos, não temos nada”, reforça Enid. Segundo a presidente, para organizar uma feira de médio porte, especialmente no Nordeste, é necessário investir, do próprio bolso, valores que chegam facilmente a milhões de reais, com retorno apenas após o evento. “O pós-Perse precisa ser a construção de uma política definitiva para o nosso setor”, sugere.

Outro gargalo debatido no 4º Summit Brasil Eventos, realizado em Fortaleza, está na malha aérea nacional, que não acompanhou o ritmo da retomada dos eventos e outros setores. “O Brasil é muito grande e não temos todos os modais funcionando, como na Europa. Dependemos dos voos e muitos ainda não voltaram. Isso encarece muito os eventos e dificulta o planejamento”, lamenta a presidente.

## Exemplo social

O presidente da Abeoc Ceará, Leonardo Araride, reforça que o

setor precisa ser visto de forma mais estruturada. “Nosso setor envolve cerca de 52 ramos de atividades diretamente ligados. Fora os indiretos, que são muitos”, destaca. Segundo ele, eventos só acontecem graças à união de diferentes serviços, como agências, hotelaria, transporte e estrutura. “Temos andado cada vez mais de mãos dadas, e é assim que estamos vencendo os desafios.”

Leonardo destaca também que, diferentemente de setores, o setor de eventos sofre com o fato de ser composto por muitos pequenos negócios. “Somos